UNIQUENESS

Jorge Fernandes da Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

— Lucia Helena.
— Minha Senhora, de quê?
— Minha Senhora de Mim, mesma![1]

l.h.@globo.com

o antigo endereço
eletrônico

lhe
resume a figura

l de *lispector*
leitora lúcida

h de helênica
humanista

Com afeto e paixão
nem Musa nem Medusa

— Só Lucia

LUCIA HELENA

Como se
por milagre

[1] *Minha Senhora de Mim* (1971) e *Minha Senhora de Quê* (1990) são títulos incontornáveis de livros de poemas de Maria Teresa Horta e Ana Luísa Amaral, respectivamente

ou acidente
sob *estrela*
em *água viva*
errante entre
nós assistisse a
o livro dos afetos
apaixonadamente.

Rio de Janeiro, *lisblon*, 14 de março de 2024.
Há 6 anos do assassinato de Marielle Franco.

Minha querida Locinha, como a chamo. Este é um testemunho de puro afecto. Registro de um instante sublime. Sublime, e sublinho, porque nosso, cotidiano. Porque foi numa sala de aula. Lugar onde se aprende e se ensina a saber o sabor das coisas simples, e não tão simples assim. Foi na Faculdade de Letras, UFRJ, na década dos anos de oitenta do século passado. Não vou consultar arquivos. A memória me falha sobre os anos do "evento" (você sabe como implico com o uso abusivo da palavra), no mesmo momento em que a passagem do tempo presente me assalta neste março em que somos oitentanos. Somos diferentes, não, minha amiga e companheira?, talvez por isso mesmo compartilhamos rente aos textos escritos por brasileiros e portugueses, em verso e prosa, a questão moderna posta pelos modernistas, nos primeiros novecentos, a respeito de ser sujeito e estar sujeito em liberdade na língua de uso falada e escrita por meio da Literatura. Foi uma experiência pedagógica perigosa, aquela em que juntos nos aventuramos naquele curso da Pós-Graduação. No Fundão, a fundo! (Sei que aprecia o meu gosto pela ambiguidade na fala. O seu entusiasmo em Providence pelo *Margrave Ave*, o voo da Avenida ao poema, até agora me emociona). Experiência perigosa, sim. Não pelo tema, já em si polêmico, mas pelo modo de levá-lo a cabo. Literalmente, face a face, *the two of us*, no seu pequeno e tão bem arranjado apartamento (admirava a biblioteca entre estreitos espaços vazios) do Kon Tik, Ataulfo de Paiva, 1015/804. (Moro ainda ao lado, de olhos baixos, me lembro do nosso convívio no pós-doutorado na Brown, ao passar *on the street where you used to live*.) Uma lição de vida para sempre. Vou mais longe. Um instante epifânico. Uma revelação, em que o texto programado era preparado a quatro mãos, num único espaço à tarde, para a aula que seria ministrada a duas vozes na manhã seguinte, não necessariamente imediata, nas mesmas sala e hora uma vez por semana. A divisão ficava por conta da entrada em cena do que, na Portuguesa, era meu; na Brasileira, era seu. A gente "variava". Se "de perto ninguém é

normal"[2], ministrávamos o perigo numa partida emocionante entre a ética da aprendizagem do bom e a estética do gozo do belo, cara a cara. E concerto houve, ó amada, nos seminários que se seguiam a cada *performance*. Foram dias, meses, em suma, rentes à nossa subjetividade, à nossa intimidade. Da minha, preferia tanto que fosse você a externá-la... Da sua *uniqueness*, pus em poucos versos o que sempre me impressionou no seu poder verbal de uma inteligência eletrizante, manifesta em flagrantes do olhar severo contra o outro e, igualmente intenso, com demonstrações fulgurantes de afeto e admiração por quem amava. Eu sei, querida Locinha, que não cumpro a palavra dada de escrever entre 10 e 20 páginas sobre "a sua [minha] contribuição com um depoimento ou artigo a respeito dos trabalhos de Lucia, em suas pesquisas, docência e publicações."[3] A ocasião faz o copião, me faz lembrar aquela cena do filme de Richard Brooks, *Looking for Mr. Goodbar* (*À procura de Mr. Goodbar*), sabe você que eu adoro. É a história trágica da professora de crianças, *quiet* de dia, autodestrutiva à noite, nos dancings da Nova Iorque dos anos 70, procurando o homem perfeito, o seu senhor *barbom*, para dançar e beber e trepar, ah! a cena é aquela em que o barman lhe diz: — Pare, não beba mais! — Uma dose é muito, mil não chegam!, lhe responde ela, Theresa; na vida real, Roseann Quinn, que acaba assassinada por seu jovem *senhorbourbon*, viciado em drogas e pirado na sua virilidade. O título do filme em Portugal é *À procura de um homem*, engraçado, não?, me faz lembrar das nossas aulas sobre as propostas dos modernistas heroicos de 22 — Mário, Bandeira, o seu Oswald—, na defesa do "brasileiro" como nossa língua de fala e escrita contra a "sintaxe lusíada", que eu ainda aprendi na escola, aliás. Nem que atingisse as 10 páginas, me faltariam mais de mil e mais uma. Como tenho demonstrado, meu amor, respeito e admiro muito você! Não que insinue que já esteja tudo escrito no prefácio, "Um corpo de afetos"[4], a *O Livro dos Afetos*: *cultura e autoritarismo na literatura contemporânea*, seu último livro de ensaios publicado, com lugar efetivo para o seu Coetzee, feito por você nosso contemporâneo, em companhia de Chico Buarque, Noll, Gracilviano & Outros. Tem um "pedaço de mim" que não vai me livrar, não me querer deixar chegar ao fim. Não me precipito. Mas, se pelo menos eu arrancasse à metade de 10, até a página

[2] VELOSO, Caetano. "Vaca profana". *Totalmente demais*. Universal Music, 1986.
[3] Maria da Glória Bordini. Carta-convite, 12/12/23.
[4] SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Prefácio. HELENA, Lucia. *O livro dos afetos*: cultura e autoritarismo na literatura contemporânea. Rio de Janeiro: Graphia, 2023. p. 7-15.

5. É no meio do caminho, sabemos, que se encontram os desafios que dão margem às grandes aventuras, sejam elas na encruzilhada para Tebas ou estejam numa pedra de estrada pedregosa, única, hoje clássica, no centro do nosso imaginário poético, digo mesmo, civilizacional. Mas, você sabe, e sei que gostava da interpretação da minha pedra de toque, a preferida. O Adamastor. Sim, o monstro que até no Capitão Gama provoca um elogio maravilhado. Sim, o Adamastor não é só uma figura grande. O Adamastor é sobretudo uma grande figura. E eu, desculpa lá, digo à portuguesa, me vejo de volta à nossa sala de aula. Me revejo nós. Sem pôr na mão do Capitão a espada de demolir exemplarmente a horrenda figura, Camões dá-lhe das forças a mais sábia, aquela em que mais apostavam os humanistas neoplatônicos renascentistas: o poder de o herói facundo vencer os perigos sobre-humanos com a eloquência e a justeza do diálogo. Creio eu — na verdade, acreditávamos nós, visto que a aula a preparamos juntos e, já em cena, você, helena de nome e de família, a conduzia à conclusão — que o desfecho do encontro entre Vasco da Gama e o Adamastor é o momento áureo do poema, a última aventura possível. Com ela se fecha *a primeira metade* do grande quadro literário camoniano. Conclusão, aliás, espetacular do primeiro ciclo épico no poema, onde todos os meios se juntam concertadamente: num poema de 10 Cantos, Canto 5, na Estrofe 50, de um total de 100, o Adamastor apresenta-se, ao responder às perguntas formuladas pelo Capitão Gama. E a chave de ouro dita com ênfase tamanha era quase gritada: por meio de uma retórica apurada, assiste-se à interlocução plena entre o puramente formal e o conteúdo revolucionariamente novo. O novo, sim, e ainda a escuto claramente, legente de Clarice, voltada para a turma: é bom não esquecer que está em letra de mulher o elogio sem tamanho ao valor do *um em menos* nos *Dezanove Recantos* de Luiza Neto Jorge, ao recantar os 10 Cantos d' *Os Lusíadas* em 19 recantos. Foi uma espécie de introdução à leitura de *A Paixão Segundo G. H.* ("Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria."[5]) Por quem os textos dobram? E como? Se antes já não o soubesse, com certeza o percebo agora. O remate do prefácio ao seu *O Livro dos Afetos*, *o quinto de ouro*, em que imagino ser o quinto capítulo, "Prender, libertar, amar", o que lhe interessa mais, Lucia, é porque no *Anel de vidro*, de Ana Luisa Escorel, n'*O outro lado da sombra* [a luz?], de Mariana Portella, n'*O que deu para fazer em matéria de história de amor*, de Elvira Vigna, há, a meu ver, o amor concertado pelas metades

[5] LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 16.

segundo Camões. Por isso, vou parando por aqui. É o que me dá para fazer. "—Não investir na doença do Outro". Aprendi com a minha analista, suicida, como a minha Mãe. Um dia, imagino, acerto as contas com a saudade que sinto de você, Lucia Helena, grande, muito. Do tamanho do verso que mais amo da Poeta da minha vida, Fiama Hasse Pais Brandão, por ser principal, por se chamar "grafia 1", creio: "água significa ave"[6]. E, como gosto de falar com versos, você sabe, digo-lhe até breve pelos versos do "meu orgulho onomástico"[7], Jorge de Sena, "Ode à Incompreensão"[8]:

> Tão longe, meu amor, tão longe,
> quem de tão longe alguma vez regressa?!
>
> E quem, ó minha imagem, foi contigo?
>
> (De mim a ti, de ti a mim,
> quem de tão longe alguma vez regressa?)

BeiJorge

Rio de Janeiro, *lisblon*, 24 de março de 2024,
dia em que foram presos os assassinos de Marielle Franco.

Jorge Fernandes da Silveira é Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982). Realizou seu pós-doutorado na Brown University em 1988-1989.É Professor Emérito da mesma universidade e seus interesses de pesquisa incluem Literatura Portuguesa; Poesia Portuguesa; Poesia e Intertextualidade. Atua na linha de pesquisa: Estudos de poesia portuguesa e africana: poesia e poética. É pesquisador do CNPq e também reconhecido poeta.

[6] BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *Obra breve*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006. p. 15.
[7] OLIVEIRA, Carlos de. "Carlos Drummond de Andrade". *Trabalho poético*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003. p 188.
[8] SENA, Jorge de. *Poesia I*. 2ed. Lisboa: Moraes, 1977. p. 151.